

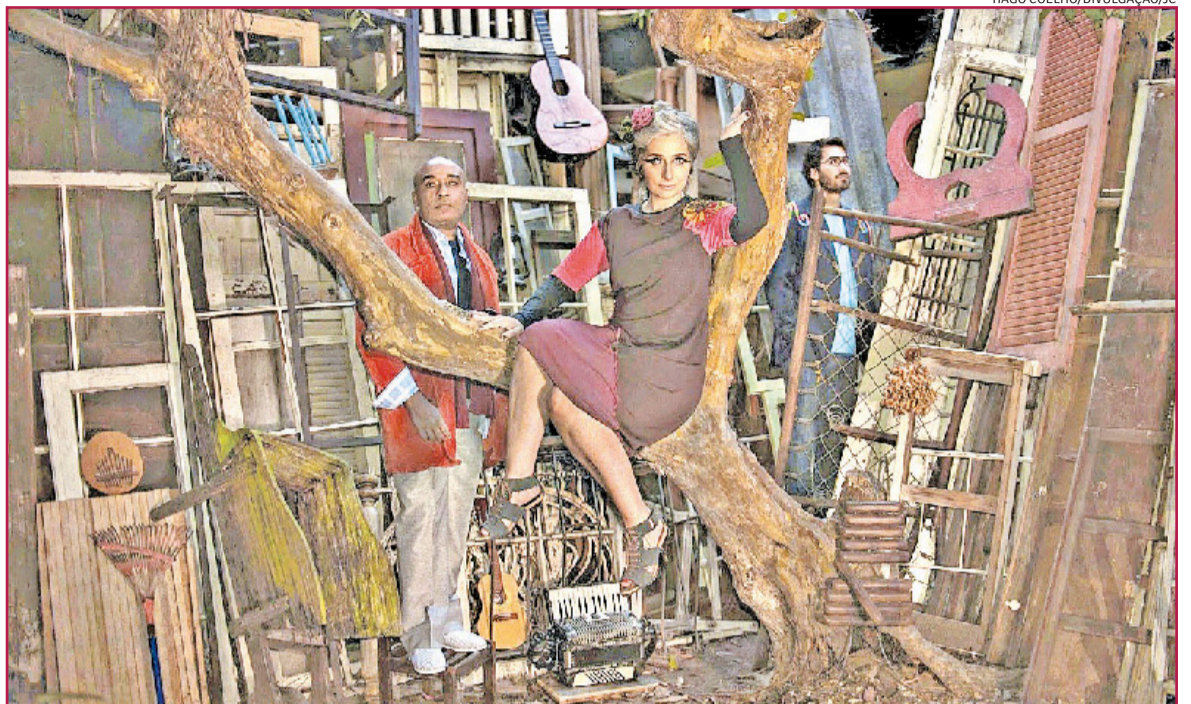
## Escutar com os ouvidos da plateia

O processo de criação das trilhas de Álvaro não se dá em outro espaço que não seja o próprio palco, pelo menos a construção da essência do que o trabalho pede. A diretora Camila Bauer conta que o músico se faz presente na sala de ensaio, mantendo o diálogo, a escuta com outros elementos, como a atuação, o texto, a cenografia, o figurino e a dança.

Para Álvaro, não poderia ser diferente. “Procuro acompanhar o máximo possível os ensaios, acho isso importante não só para criar, mas, principalmente, para se comunicar. O que eu faço não é só música para teatro, é sonoridade. Exploro as sonoridades no espaço cênico”. Álvaro parte da premissa de que diretores e atores, em geral, já sabem qual objetivo almejam. A sua presença, portanto, torna-se fundamental para alinhar tal entendimento.

É justamente a premência desta participação ativa que faz o sonoplasta sair do palco para, às vezes, operar o som sentado entre a plateia. “Eu quero ter a mesma sensação de que o público está tendo. Eu quero que ele ouça o que eu estou ouvindo”, explica Álvaro.

Uma porta, para o músico, pode facilmente se converter em um instrumento, comenta a cantora, compositora e pianista Simone Rasslan. “Tudo é sobre sonoridade com o Álvaro. Ele está o tempo inteiro pesquisando o som. Às vezes, dirigindo, ele bate no volante do carro, produzindo percussão com qualidade sonora”, conta Simone que é, também, companheira de Álvaro há quase 30 anos. São diversos projetos realizados juntos em todos estes anos de convivência, mesmo naqueles em que os dois não estejam oficialmen-



Com Simone Rasslan e Beto Chedid, na peça *Xaxados e Perdidos*; RosaCosta e Rasslan são companheiros há quase 30 anos

te compartilhando.

O espetáculo *Casa*, idealizado por Simone e a sua filha Madalena, com quem divide o palco, contou com o desenho e operação de som e direção de palco de Álvaro. Trata-se de um show intimista

que mescla canções da MPB, propondo a casa como um espaço poético. Simone comenta que, apesar de estarem apenas ela e Madalena em cena, Álvaro acaba sendo o “terceiro músico do espetáculo”. “Ele é quem nos vai dizer

as verdades, e isso é sempre muito tenso. Dizer verdades é só para quem pode e para quem a gente realmente respeita, já que não é agradável de escutar. É muito bom que seja ele, porque é muito amor que vem daí, né?”

## Sobre o que um artista quer falar

São distintas as linguagens exploradas por Álvaro no decorrer de três décadas de carreira. Durante a conversa, ele reflete, cogitando que, talvez, tenha “abandonado um pouco o palco do teatro” como ator. Ultimamente, tem atuado mais em cinema do que em teatro. Ele acredita que está em busca do que dizer. “É impressionante: uma vida inteira a gente tentando descobrir o que a gente é, qual é a nossa essência, de onde a gente vem, o que a gente quer realmente falar”. É o tipo de questão que tem acompanhado o artista.

E, quando Álvaro tem a oportunidade de externar isso, acontece algo como *Sambaracotu*. Ele se refere ao espetáculo de 2019, dirigido por ele (trilha sonora também), Carlota Albuquerque e Simone Rasslan, e que, na época, contou com o Canoas Coletivo de Dança. O trabalho será retomado no final do segundo semestre deste ano com novas cenas e intérpretes. A proposta leva ao palco a dança urbana influenciada por elementos do samba, do coco e do maracatu. O sonoplasta já está participando dos ensaios.

Após algum tempo de estrada, Álvaro percebeu que a sua maneira de compor tinha a ver com a dança, uma referência ao trabalho de Carlota Albuquerque, que pensava as trilhas dos seus espetáculos em camadas. Por sua vez, Carlota, enxerga o mesmo contraponto no trabalho de Álvaro, definido pela coreógrafa como um artista visionário. “É muito raro uma pessoa como ele, porque, como artista, o Álvaro tem o olhar sensível de um diretor, a inquietação do

ator e a amplitude do músico e de um corpo bailarino. É maluco dizer isso, mas ele é puro movimento. A trilha do *Sambaracotu* é genial”.

Até chegarmos à praça do complexo cultural para a sessão de fotos, na parte externa, pelo caminho, Álvaro indicava a localização de antigos galpões que ficavam instalados ao lado do teatro e dos prédios que não existiam mais ou que passaram a existir desde a chegada da sua família ao teatro, no final da década de 1930. Os registros fotográficos feitos pelo seu avô, Manoel Pedro da Rosa - e já compartilhados por Álvaro

publicamente em uma rede social - exibem os bastidores da vivência da sua e de outras famílias que contribuíram para a manutenção de um dos espaços culturais mais prestigiados do Brasil. Pessoas que foram atravessadas, mas que, provavelmente, também atravessaram a arte.

Encerramos a entrevista, concedida no foyer do Multipalco Eva Sopher. Como um bom anfitrião, Álvaro me acompanha até próximo à escadaria que dá acesso à rua Riachuelo e nos despedimos. O artista, por sua vez, permanece no teatro. Ou melhor, em casa.



Álvaro RosaCosta atuando como convidado no Concerto da Orquestra de Câmara da Ulbra, em 2023



Priscila Ferraz Pasko (1983 - Porto Alegre) é jornalista freelancer na área cultural, escritora, pesquisadora e Mestranda em Artes Visuais (PPGAV-Ufrgs), com ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte. É autora do livro de contos *Como se mata uma ilha* (Zouk, 2019) - Prêmio Açorianos 2020 na categoria conto.